

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

**O CONHECIMENTO INFORMAL E O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

MARIA APARECIDA SANTOS BUENO

São Leopoldo, dezembro de 2010

MARIA APARECIDA SANTOS BUENO

O CONHECIMENTO INFORMAL E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia à Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Sartori Porto;

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Jaqueline Santos Picetti.

São Leopoldo, dezembro de 2010.

MARIA APARECIDA SANTOS BUENO

O CONHECIMENTO INFORMAL E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia à Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Porto; Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Jaqueline Santos Picetti.

Aprovado em ___/___/_____.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso O conhecimento informal e o processo de alfabetização. Elaborado por Maria Aparecida Santos Bueno como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Nome e titulação

Nome e titulação

Nome e titulação

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha família, meu marido Ricardo, meus filhos Vinícius e Vítor, minha filha Vivian como forma de carinho por estarem sempre ao meu lado.

**“Se queres que eu esqueça, diga-me
Se queres que eu saiba, ensina-me
Se queres que eu aprenda, envolva-me”
(CONFÚCIO)**

AGRADECIMENTO

Nesta longa caminhada de quatro anos e meio muito se aprendeu, mas também muitas escolhas e opções tiveram que serem feitas, muitas angustias, dores, conflitos, medos... Nada daquilo que já não estivesse incluído nos planos de Deus e, portanto nada que Ele não saiba que pudéssemos suportar e superar... Sendo assim, ao concluir este trabalho quero agradecer...

Primeiramente a Deus e pedir que, Ele em seu infinito amor possa através de Jesus estar presente todos os dias de nossas vidas, nos iluminando e nos guiando e intuindo com suas palavras de sabedoria!

A minha família e familiares por compreenderem os momentos de ausência de minha parte...

Aos amigos que sempre insistiram e acreditaram em mim...

Aos colegas de escola por me dizerem que todo esforço sempre vale a pena...

Aos meus alunos que contribuíram para a realização do meu estágio...

A escola onde realizei meu estágio por me receber tão bem e apostar no meu trabalho, contribuindo para minha qualificação profissional...

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Jaqueline Picetti por sua gentileza, dedicação e disposição de sempre em me orientar e mostrar o melhor caminho a seguir, durante o período de realização deste trabalho com tamanha humildade e conhecimento.

E, finalmente a todos os professores e tutoras que contribuíram na caminhada de construção de novos saberes e conhecimentos na formação pedagógica...

E, que a bênção da Palavra se faça por entendimento do grande amor de Cristo. Seja nossa inspiração! Seja nossa força! Seja nosso consolo! Seja nossa alegria!

Na vida de todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para o meu sucesso nessa conquista permeada de esforço, dedicação, entusiasmo e vontade...

Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
naqueles cujos olhos aprenderam
a ver o mundo pela magia da nossa palavra.
O professor assim não morre jamais."
(Rubem Alves)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar como aproveitar o conhecimento informal no processo de alfabetização, buscando realizar uma análise dos diferentes saberes, entre eles o saber informal e o saber formal, na relação entre letramento e alfabetização e tentando compreender a forma como acontece e é construído o processo de alfabetização tanto dentro quanto fora dos espaços escolares. O desenvolvimento desse trabalho fundamenta-se nos teóricos como Freire, Soares, Piaget e outros que compartilham ideias semelhantes. Para a realização dessa análise, contou-se com as reflexões sobre as práticas de estágio (curso de Pedagogia Modalidade a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) realizado com uma turma de primeiro ano das séries iniciais de nove anos, da rede de educação do município de Portão, no ano de 2010. A partir desse trabalho, tenho como algumas conclusões a ideia de que as práticas de sala de aula, necessitam estar embasadas teoricamente e mediatizadas entre a interação aluno/professor e os diferentes saberes tanto comunitários quanto os sistematizados. Sendo assim, é relevante buscar a autonomia intelectual a partir dos usos de escrita e leitura como função social de maneira crítica e autônoma.

Palavras-Chaves: cultura popular, conhecimento escolar, alfabetismo e letramento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Os diferentes saberes no contexto escolar	15
1.1 Saber popular e informal	16
1.2 O saber sistematizado ou formal	18
1.3 Relações entre os saberes informal e formal	20
2. O processo de Letramento e Alfabetização.....	22
3. Análise de um trabalho em uma classe de alfabetização.....	25
4. Considerações Finais.....	36
5. Referências	38

INTRODUÇÃO

Minha experiência profissional não ultrapassa a uma década de atuação com as séries iniciais. Formada no magistério pela antiga Escola Normal em S. S. do Caí - RS desde 1997, somente iniciei minha atuação como professora nomeada em 2003 pelo município de Hortêncio, atuando numa classe multiseriada (antigas terceira e quarta séries). Em 2004 iniciei também como professora nomeada pelo Estado, trabalhando no município do Caí, com uma turma de terceira série, perfazendo uma carga horária de 40 horas semanais. Minha preocupação como educadora sempre esteve voltada para criar possibilidades, em minha sala, de ampliação do conhecimento de meus alunos e torná-los sujeitos mais críticos e autônomos, proporcionando aos mesmos um trabalho embasado na teoria construtivista.

Em 2007 fui nomeada como professora pelo município de Portão (quando deixei o trabalho no município de S. J. do Hortêncio) para atuar com uma turma multiseriada de primeiro ano e segunda série. Foi nesse mesmo ano que a Educação Básica foi reformulada passando o Ensino Fundamental para nove anos¹. Mas foi somente no ano seguinte, em 2008, quando fui transferida para a Escola M. E. F. Visconde de Mauá, que iniciei os trabalhos com a alfabetização propriamente dita.

Confesso que fiquei um tanto receosa e ao mesmo tempo ansiosa: como seria alfabetizar? Como conseguir que as crianças, ao terminarem o segundo ano estivessem lendo e escrevendo com autonomia? Estas eram indagações que eu me fazia sempre. Trabalhando em parceria com a colega de outra turma, fomos trocando idéias, discutindo planejamentos, verificando métodos e teorias, seguimos juntas no caminho de alfabetizar. Logo, nos decidimos pelo construtivismo² e ao mesmo tempo inserindo o método fônico³, para que os alunos ao perceberem o

¹ De acordo com a Lei 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm

² Construtivismo para Becker (2009, pg.05) "(...) é uma teoria, um modo de ser do conhecimento ou movimento do pensamento que emerge do avanço das ciências e da Filosofia dos últimos séculos. Uma teoria que nos permite interpretar o mundo em que vivemos. Na visão de Piaget o Construtivismo é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio".

³Método Fônico segundo Carvalho (2005) é a dimensão sonora da língua, onde as palavras além de terem um ou mais significados, são formadas por sons, denominados fonemas. Fonemas são unidades mínimas dos sons da

contexto escolar também tivessem de forma mais sistematizada o conhecimento do processo de leitura e escrita. Em nossa escola os professores de alfabetização iniciam com a turma no primeiro ano e seguem com os mesmos no segundo ano, desta forma concluindo junto com eles a etapa de alfabetização.

Para meu espanto no final de 2009 a turma que eu acompanhava de segundo ano, teve a sua maioria aprovada com exceção de alguns casos particulares de alunos infreqüentes ou que não concluíram seu processo de alfabetização. Adorei a experiência, pois vi minhas expectativas se concluírem e minhas indagações serem respondidas, principalmente porque nesse meio tempo, estava cursando o 7º semestre do curso de Pedagogia Modalidade à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁴. O que possibilitou uma reflexão e uma nova visão no sentido alfabetizar, pois a atuação pedagógica necessita vir embasada pela teoria e pela metodologia e ambas devem se preocupar com a formação do aluno, na relação aluno/professor que precisam estar em consonância com minhas intenções e atividades em sala de aula, para poder levar o aluno a potencializar suas aprendizagens relacionando saber informal com saber formal de maneira sistematizada.

Trabalhando com as séries iniciais observo como os estudantes chegam à escola, trazendo um mundo de conhecimento diferente e embasado no seu contexto cultural, sendo conhecido como saber informal que aos poucos se relacionam com os saberes formais⁵ ministrados pelos professores nas escolas.

Nesse sentido, este trabalho de análise e reflexão será embasado pelas práticas de estágio ocorridas com turma de alfabetização 1ºA do município de Portão, no primeiro semestre de 2010 na Escola M. E. F. Visconde de Mauá. Tal experiência possibilitou fontes de pesquisa e laboratório de práticas docentes a cerca das descobertas e construções elaboradas pelos educandos relacionadas às práticas de leitura e escrita. A turma com a qual realizei meu estágio era composta por onze meninos e treze meninas, com idade média de seis anos.

Os alunos se caracterizam por ser uma turma dinâmica e participativa; seguem as combinações e são solidários; sabem escrever com autonomia o nome;

fala, representados na escrita pelas letras do alfabeto. No método fônico segundo o mesmo autor, o professor terá ênfase em ensinar a decodificar os sons da língua, na leitura, e a codificá-los, na escrita.

⁴ PEAD – Curso de Pedagogia Modalidade a Distancia da UFRGS.

⁵ Saberes Formais são os que são ministrados de maneira sistematizada nas instituições de ensino, ou seja, nos sistemas tanto particular quanto pública.

reconhecem, identificam e sabem nomear as letras do alfabeto; diferenciam letras de número; quantificam e contam até o número quinze; gostam de cantar; dramatizar; ouvir histórias infantis; participar de atividades lúdicas; interagem entre si e com a professora; possuem compreensão e coerência de ideias; são organizados; adoram desafios lógicos; elaboram hipóteses e são indagativos e possuem atitudes de respeito para com todos que convivem no espaço escolar. A maioria dos alunos possuem uma situação financeira difícil, possuindo carência alimentar, afetiva e material. Quatro alunos são atendidos no contra turno, uma vez por semana às quintas-feiras na Classe de Apoio, pois apresentam dificuldades no processo de aprendizagem, não retendo as informações necessárias e nem compreendendo as mesmas.

A Escola atende até a sétima série e está em fase de ampliação do corpo docente para atender até a oitava série no próximo ano. A Escola está situada na periferia do município de Portão e recebe uma grande clientela de alunos oriundos de famílias de posseiros que se instalaram em volta da fazenda Vargas, formando como é conhecida a Vila São Pedro. Atualmente existe um projeto municipal com convenio federal para construção de mais de cem casas para alojar algumas famílias que estão em área de risco. Também existe um loteamento novo no entorno da escola, o que também fez aumentar a clientela de educandos da nossa escola. A maioria das famílias é carente e recebem a Bolsa Família. Algumas famílias são trabalhadores autônomos, vivem da reciclagem de material de sucata e as outras restantes, na sua minoria, trabalham no curtume e ou na fábrica de ração existente na localidade. Poucos possuem a antiga quarta série e a maioria é analfabeta, não sabem ler e nem escrever, não compreendem a leitura e a escrita como função social.

Ao adentrar os espaços da escola a criança inicia seus primeiros “passos” começando pela Educação Infantil e, em seguida, iniciando a alfabetização no primeiro ano do Ensino Fundamental, sendo estas as primeiras etapas nas quais os educandos terão contato com a forma sistematizada do mundo da leitura e da escrita, é a partir destas etapas começa ampliar seu conhecimento e concomitante a aprimorar sua compreensão sobre os saberes formais, além de contextualizar com suas práticas de leitura e de saberes informais.

Desta forma surgiu a indagação que desenvolverei nesse trabalho: “como o conhecimento informal poderá contribuir para a construção do conhecimento no processo de alfabetização?” Minha hipótese inicial sobre essa questão é de que

cabe ao professor descobrir de que maneira tal conhecimento, poderá contribuir com a forma sistematizada de ensino. Possibilitando ao educando confrontar seu saber informal com o da escola e, no empoderamento dessa possibilidade fazer a construção de um saber mais crítico. Contudo, é necessário que o educador tenha uma visão ampla sobre qual método e teoria que, melhor embasará o seu trabalho junto à função de alfabetizador.

Para tanto, meu objetivo é refletir sobre o aproveitamento do conhecimento comunitário ou informal contribui na construção do conhecimento no processo de alfabetização e, desta forma compreender e comprovar a importância da relação entre o saber formal e informal no ensino sistematizado para a formação do aluno enquanto sujeito aprendente, tendo em vista que o aluno é o protagonista neste processo educativo.

Sendo esse processo educativo permeado por hipóteses e, de diferentes formas de pensar, oriundas da reflexão dos educandos nos confrontos de saberes compartilhados e informais, confrontados com o saber sistematizado a fim de ressignificar seu contexto social, promovendo os mesmos a aquisição de um bem cultural, tendo a leitura e a escrita compreendidas como um objeto cultural.

Para tanto destaco como referencial teórico Freire (2000), Ferreiro (1999) entre outros estudiosos como Soares (1998/2003), Carvalho (2005), Picetti (2005) entre outros, como fonte de embasamento as minhas reflexões sobre o saber como função social, onde o educador necessita ter a compreensão de que somos professores-políticos no sentido de proporcionar, através do ato de ensinar, a ação do pensar para a formação de futuros cidadãos inseridos e participantes no mundo letrado, e, que possam fazer uso da sistematização do ensino como meio de promover um futuro mais digno e melhor, como sujeitos autônomos e não oprimidos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois procuro descrever e a decodificar componentes de um sistema complexo de significados (NEVES, 1996). Essa investigação qualitativa caracteriza-se como um estudo de caso. Procurei realizar uma análise do ambiente de minha sala de aula, isto é, de uma situação particular (GODOY, 1995).

O mesmo autor ressalta a importância da contextualização das práticas de sala de aula com as vivências de mundo dos educandos. Para que a aquisição de conhecimento seja viável, é importante tornar o ato de ensinar um ato também político e social. Para essa pesquisa foi utilizado todo o material de anotações registrado no portfólio de aprendizagens referente aos alunos, o caminho percorrido por eles na busca da aprendizagem no processo de escrita e leitura de mundo, cujos resultados tem demonstrado o avanço dos alunos frente às etapas de alfabetização de acordo com a psicogênese⁶.

No primeiro capítulo abordei sobre a seguinte temática Os diferentes saberes no contexto escolar, o que nos leva a pensar que não existe apenas um saber e sim um conjunto de saberes que, vem fomentar a aquisição e o domínio do processo de escrita e leitura realizada pelos indivíduos que estejam inseridos na escola.

No segundo capítulo abordo o tema alfabetização e letramento, o qual vem explicar a importância de um e de outro, que segundo Soares (1998) *apud* Carvalho (2005) alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita e embora os processos de alfabetizar e letrar, estejam interligados, os mesmos são específicos e procuram tornar o sujeito mais autônomo e crítico.

Já no terceiro capítulo, faço uma análise, relacionando com as ideias desenvolvidas nos dois primeiros com a minha prática no estágio curricular no curso de Pedagogia Modalidade a Distância da UFRGS. Nas considerações finais, busco responder a questão de pesquisa, discutindo sobre as funções dos diferentes saberes perante o processo de aquisição do letramento, onde a importância de relacionar um e outro servem como fonte e elemento de pesquisa para a elaboração dos saberes sistematizados que acontecem nos espaços escolares e que precisam ser respeitado enquanto público e social.

⁶ Psicogênese é a concepção de como a criança aprendem à escrita e tem como objetivo explicar os processos e as formas as quais as crianças aprender a ler e a escrever, em relação aos aspectos construtivos seguem uma linha regular de evolução. FERREIRO (1991)

1. Os diferentes saberes no contexto escolar

Constato em minha experiência diária com educadora que, no contexto escolar, existem diferentes saberes, o saber comunitário que as crianças trazem do seu convívio e das suas experiências diárias, do meio familiar, dos cultos de suas igrejas, do contato com outras crianças, dos anúncios de lojas, propagandas e outdoors espalhados pela cidade e pelo bairro, dos meios de transportes, das placas de sinalização, revistas, livros, gibis, jornais, cartazes, listas de mercados, em fim a criança possui uma enorme margem de contato com o meio letrado que possibilita a amplitude de canais de aquisição e construção na sua forma de ler o mundo.

Para Trindade (2003) mesmo antes da criança adentrar o mundo da escola ela já vivencia e experimenta diferentes formas de leitura escrita e letramento, desde jogos, livros de leitura e toda divulgação impressa, contextualizando a sistematização das práticas de leitura e escrita.

Freire (2000) nos mostra que ensinar a criança a ler e a escrever precisa estar contextualizado com as vivências das mesmas para que o ato de ensinar tenha tamanha significância para ela, e logo, tenha o efeito de ressignificar a sua história. Ainda conforme o mesmo autor, passando a ser o sujeito autônomo e crítico e não mais o que apenas recebe e acata as decisões de terceiros, mas o que também expõe e decide sobre sua vontade e sobre seu futuro.

Por outro, vejo que temos o saber forma, l o sistematizado, que a escola oferece como meta de aquisição da leitura e escrita formal aos alunos, oportunizando um conhecimento das formas corretas de escrita e leitura.

Segundo Freire (2005) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (p. 11).

O saber formal necessita seguir por um caminho que possa não ser direcionado como uma educação bancária, em que o aluno é visto como uma tábua rasa, sem conhecimento algum, levando os sujeitos a opressão e os considerando como e sem ponto de vista algum. O saber formal é algo que deva possibilitar ao educando adquirir meios de se expressar de maneira mais culta e correta pelo

educandário, mas fazendo referências ao saber que este traz junto de si para a construção do saber formal. (Freire, 1983)

Sem sombra de dúvidas os saberes devem se encontrar dentro do contexto escolar, pois as vivências das crianças não são ilhas e, a escola algo a parte do contexto cultural e social destas as crianças e do meio onde as mesmas estão inseridas. Maturana (2001) afirma que a criança deve se desenvolver dentro de um ambiente que possa interagir com o outro e, que:

(...) educação é um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro (p.29).

Ao contrário, os diferentes saberes, dentro do contexto cultural onde estão inseridos os alunos, os saberes comunitários, servem como bagagem a serem exploradas, para auxiliar na aquisição do conhecimento formal, sem perder de vista a identidade de cada um, mas ao mesmo tempo construir com eles um espaço de respeito pela cultura e saber que possuem, fazendo uso dos mesmos para fixar o saber formal, servindo de estímulo por valorizar o saber comum na aquisição do saber científico. (PICETTI, 2005)

1.1 O saber popular e informal

Recorrendo ao conceito de saber popular posso afirmar através do pesquisador (FREIRE, 1999) que é toda cultura e ou bagagem trazida e repassada de geração em geração pelo povo, de maneira a garantir os conhecimentos repassados dos mais velhos para os mais jovens. Esse saber popular e ou informal é tão necessário quanto às funções básicas que mantêm vivo o nosso corpo, ato de respirar, por exemplo, também assim é a função do saber popular, pois, sem ele não se saberia dos acontecimentos ao longo da história e também não se manteria viva a identidade, a cultura e crenças de um povo ou comunidade.

Ignorar os saberes informais é ignorar os registros que contam toda a trajetória de uma vida, suas agruras, seus cânticos, suas crenças, seus atos políticos, suas descobertas e suas conquistas também é desconhecer cada gota de suor ou de lágrima derramada na luta do dia a dia pela sobrevivência, pois somente os mais pobres ou necessitados que possuem a propagação e preservação do seu saber ao

longo do tempo feita de maneira oral, desprovidos de códigos que pudessem auxiliá-los nos registros de seus saberes, sendo assim a única solução era a preservação cultural através da oralidade transmitida como um “telefone sem fio” onde, muitas vezes, esse ato de comunicação sofria interferências de dialetos e compreensão, mudando, portanto os nomes daquilo que relatava sobre a cultura comunitária. (FREIRE, 2000)

Os indivíduos mais cultos ou alfabetizados o fazem de maneira mais sistematizada, utilizando-se da escrita. Porém os que ainda não dominam o sistema de escrita e leitura, não o conseguem, sendo assim a função do saber popular é justamente o de preservar a história através da oralidade repassada de geração em geração. (FREIRE, 2000)

Sendo assim, respeitar o saber popular é respeitar o contexto cultural do educando e, o respeito ao saber popular, implica numa construção sólida e embasada ao saber formal, pois está se respeitando as experiências de vida de cada sujeito e também os espaços onde esta inserida “(...) a localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo (...)” (FREIRE, 2000 p.86) na construção do seu saber ressignificado.

O saber popular, se observado de perto, vai nos proporcionar subsídios para serem usadas numa construção de novos saberes, estes mais sistematizados com maior significância. Portanto, o saber popular consiste nas inúmeras estratégias que cada indivíduo é capaz de criar para resolver as situações problemas que se mostram para ele. Seja o simples fato das resoluções nas suas práticas diárias em ações como, por exemplo, efetuar um pagamento, suas hipóteses podem ser efetuadas e chegar no mesmo resultado, sem utilizar um esquema pré-determinado determinado, pelo professor. (FREIRE, 2000)

Permitir o uso de seus saberes é permitir que este sujeito prossiga na sua caminhada dentro dos espaços escolares, é lhe proporcionar o respeito por suas ideias e por seu contexto social. “O respeito ao saber popular implica necessariamente o respeito no contexto cultural”. (FREIRE, 2000, p.86) Perceber que o senso comum deva fazer parte de início da construção do sujeito para a aquisição de faculdades do senso crítico,

1.2 O saber sistematizado ou formal

O saber sistematizado ou formal teve sua amplitude, em termos de acesso, entre os séculos XVIII e no início do século XX com a formação de leitores e escritores não vinculados a uma única casta, no caso a igreja e a nobreza. Quando da necessidade de transformar a sociedade hora inculta em culta, devido aos padrões da época em uma sociedade capaz de garantir a sustentabilidade dos fatores econômicos, no caso a partir da Revolução Industrial que passou a exigir uma nova qualificação de mão-de-obra e a institucionalização da escola moderna que, propagou a escrita aos cidadãos comuns (SANTIAGO, 2008).

Para tanto foi necessário investir na educação com uma pedagogia voltada aos processos de ensino aprendizagem, cabendo a escola escolher o currículo e as ideologias que de certa forma seriam embasadas de acordo com a sociedade na época. Sendo assim a educação iniciaria uma trajetória evidenciando o saber formal ou sistematizado de acordo com o contexto da época, que tem como objetivo uma determinada pedagogia, onde o importante é garantir a aprendizagem dos sujeitos, e de certa forma, mostrar de que maneira os mesmos aprendem. (BORDENAVE, 1983)

Destaco, a partir do estudo do pesquisador Borde nave (1983), três concepções pedagógicas:

A primeira é a Pedagogia da transmissão que tem para ela o aluno como uma tabula rasa ou página em branco, onde os conhecimentos são transmitidos, os alunos não são incentivados a pensar, a pesquisar, somente assimilam ou decoram o conteúdo para passar para a próxima etapa. Esta pedagogia não se inclui na educação informal, mas, este muito presente na educação formal, mostrando uma verticalidade do saber, onde alguém ensina e outro aprende e executa, provavelmente formando sujeitos passivos e desprovidos de criticidade. Logo esta pedagogia não busca um desenvolvimento baseado em transformação das estruturas de uma sociedade, e é extremamente difundida no modelo de ditadura.

A segunda é a Pedagogia do condicionamento e se diferencia da anterior por não dar ênfase às ideias e aos conhecimentos transmitidos. O mais importante está nos resultados comportamentais, ou seja, a sistematização do saber está voltada para programas de quantificação e de resultados, onde a repetição da associação estímulo-resposta defendida por SKINNER, que usa o estímulo a competitividade e o

individualismo de notas, tornando o aprender não prazeroso, mas temeroso pelos resultados negativos. Perde-se a criatividade e adota-se o padrão.

A terceira a Pedagogia é a da problematização e tem a preocupação de identificar os problemas e levá-los à discussão coletiva a fim de buscar uma solução original e criativa. Desafia o aluno a defender suas próprias ideias com argumentação crítica e com curiosidade, existindo maior participação do mesmo. Uma pedagogia relacional, centrada e mediada onde educandos e professores interagem entre si.

A educação sistematizada e ou formal é a maneira pela qual poderemos transformar o senso comum em senso crítico a partir da reflexão do que já se sabe confrontado com os novos saberes mediatizados entre aluno e professor.

“(...) para isto existem as escolas. Não para ensinar respostas, mas para ensinar perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme, mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido” (Rubem Alves, 2003 p.78)

Complementando tal idéia destaco o pensamento de Inhelder, Bovet e Sinclair (1977) *apud* Marques (2005), onde as mesmas destacam que o conhecimento deve ser considerado como uma relação de interdependência entre o sujeito conhecedor e o objeto a ser conhecido, e não como a justaposição de duas entidades dissociáveis.

Cabe aqui também ressaltar, a partir de Freire (1997) que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou com a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto (p.46).

Freire (1997) contribuiu e muito para educação ao sistematizar a proposta pedagógica na educação popular rompendo paradigmas, enfatizando tomadas de decisões, postura democrática e libertadora conforme as vivências dos sujeitos inseridos em determinado contexto diante das situações problemas. Nesse sentido a concepção pedagógica tem por finalidade valorizar as culturas, promover a

horizontalidade de saberes, a emancipação dos sujeitos e a interação e mediatização entre educador e educando.

Sendo assim, a educação sistematizada não é apenas a decodificação do processo de aquisição de escrita e leitura, mas a compreensão deste processo, fazendo uso dos conhecimentos para interpretar as informações refletir sobre elas e organizá-las com uma transcrição do pensamento autônomo e crítico.

1.3 Relações entre os saberes: informal e formal

Estabelecer uma relação entre os saberes que fazem parte da bagagem de conhecimentos informal e formal do educando, é pensar numa proposta pedagógica que acolha estes saberes, proporcionando ao mesmo recriar sua história, valorizar sua identidade e ampliar o sentido de sua escrita e de sua leitura de mundo. (FREIRE, 1999)

A preocupação com a educação deve ir além dos conteúdos necessitando preparar um currículo flexivo em que sua origem seja o contexto do aluno, na qual o mesmo poderá intervir procurando soluções para as situações problemas que venham a se apresentar de forma real. (FREIRE, 2000)

Dessa forma a aprendizagem se dará com sentido e significado, pois o processo de leitura e escrita serão embasadas no próprio contexto do aluno, implicando numa ressignificação com sentido, argumentação e autonomia que para FREIRE (2000) seria o seguinte:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que 'ler mundo' e 'ler palavra' se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E 'ler mundo' e 'ler palavra', no fundo, para mim, implicam 'reescrever' o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo (p. 15).

Entre as relações dos saberes informal e formal deve existir uma educação humanística ou uma pedagogia mediatizada pelo diálogo, a atitude dialógica é, antes

de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar. Essa relação dialógica é capaz de transformar o ato educativo num ato político quando os sujeitos, que estão inseridos neste ato, passam a serem indivíduos engajados na luta por transformações sociais. Sendo assim, de posse do senso comum, levar o sujeito a construção do senso crítico ou da conscientização, onde se percebem capazes de transformar o próprio contexto e ressignificar o mesmo (FREIRE, 1987).

A relação entre os saberes formais e informais vem contribuir para a aquisição dos novos saberes a serem produzidos nas escolas, pois é visto que as crianças quando adentram as escolas já possuem uma prática de leitura e de escrita de mundo, neste sentido a busca não é mais a alfabetização, mas o letramento como objeto de cultura nas práticas de leitura e escrita empregadas dentro e fora da escola.

2. O processo de Letramento e Alfabetização

Ao começar essa discussão, iniciarei pela alfabetização, pois essa se refere ao processo de aquisição do domínio de técnicas capazes de exercer a arte e a escrita, ou ainda é o domínio de códigos que o sujeito possui para desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

A alfabetização não é um pré-requisito para se adentrar o mundo do letramento, tanto é que as pessoas analfabetas conseguem interagir com os diferentes gêneros textuais, pois se utilizam de quem domina a escrita e a leitura.

Conforme Soares, (1998) A alfabetização – aquisição da tecnologia da escrita- não precede nem é pré-requisito para o letramento, ou seja, para a participação nas práticas sociais de escrita, tanto é assim que os analfabetos podem ter um certo nível de letramento, sem hajam adquirido a tecnologia da escrita, utilizam a quem tem para fazer uso Da leitura e da escrita, além disso, na concepção psicogenética de alfabetização atualmente em vigor, a tecnologia da escrita é aprendida não como em concepções anteriores com textos construídos artificialmente para a aquisição das técnicas de leitura e escrita, e sim por meio de atividades de letramento, ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita. (p.92)

Alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita. (CARVALHO, 2005)

Já o letramento por sua vez é o exercício efetivo e competente da leitura e da escrita, para compreender, informar e informar-se com capacidade de produzir e interpretar diferentes tipos de textos.

Soares, (1998) define letramento como sendo “(...) o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (18).

A diferença entre indivíduos alfabetizados e letrados é que o primeiro sabe que para escrever e ler textos simples necessita conhecer o código alfabético, mas não faz uso das mesmas para realizar o processo de escrita e leitura como função social. Letrado é toda pessoa que se apropriou desse processo e utiliza como função social da suas práticas de leitura e escrita, está sempre em interação com todos os gêneros e tipos textuais, e, pela relação com estes textos, consegue compreender, logo, possui muita desenvoltura de expressão e criticidade. (SOARES, 1998)

Dentro do contexto escolar, o melhor é alfabetizar letrando, pois à medida que se utiliza a escrita como função social estamos possibilitando uma maior sensibilização por parte do aluno, de ressignificar sua aprendizagem de práticas de leitura e de escrita, quando oportunizamos construção de diferentes formas de comunicação, de histórias reais, do dia a dia, recados, bilhetes... A fim de permitir aos alunos trabalhar com textos variados e despertar o gosto pela escrita e pela leitura. (SOARES, 1998)

Para Soares (1998.) uma pessoa, mesmo não tendo o domínio do sistema de escrita, pode participar de práticas de letramento, como quando é oferecidas as crianças em processo de alfabetização momentos de apropriação da leitura. Quanto mais cedo for oferecida a vivência com diferentes gêneros textuais e principalmente o de literatura infantil, mais cedo estaremos oportunizando o adentramento ao mundo letrado, configurando as crianças a portadores criativos de opiniões.

A partir dos estudos realizados até aqui nesse trabalho, posso afirmar que as práticas de sala de aula, exercidas pelo educador, necessitam de um olhar diferenciado para com o educando, perante o seu processo de aquisição de conhecimento, pois se sabe que, os alunos possuem um conhecimento vasto no que se refere às práticas de leitura e escrita como vimos nos capítulos anteriores. Logo, a importância da valorização do conhecimento informal se faz necessária à medida que, é a partir desse conhecimento que se dará toda a construção do saber sistematizado encontrado na escola.

Destaco que para Soares (1998) somente utilizar-se das diferentes formas de escrita não é suficiente como única maneira de alfabetizar. A importância está em associar, relacionar letramento e saber informal junto com método apropriado, no caso fônico⁷, onde podemos confrontar o que o aluno conhece e vivencia, com o que se produz de maneira sistematizada na escola, garantindo ao aluno a compreensão do processo de escrita e leitura. Processo esse necessário para o aluno alfabetizar-se.

Portanto “(...) não basta que a criança esteja convivendo com muito material escrito, é preciso orientá-la sistemática e progressivamente para que possa se apropriar do sistema de escrita” (SOARES, 2006 P.03). Desta forma, é necessário que o alfabetizador proporcione as crianças uma melhor compreensão dos processos de alfabetização e letramento, que será determinada pela criticidade e criatividade em verificar questões relacionadas as suas vivências aliadas as especificidades do processo de escrita e leitura, terminando o processo como alfabetizados e não como analfabetos funcionais.

⁷ Fônico: segundo Carvalho (2005) é a decomposição dos sons que formam as palavras, representados na escrita pelas letras (p. 29). Ainda conforme o mesmo autor os métodos fônicos possuem uma relação com a consciência fonológica, pois permite ao leitor reconhecer e a identificar os sons. Para Carvalho (2005) A consciência fonológica consiste na capacidade para focalizar os sons da fala (p.29).

3. Análise de um trabalho numa classe de alfabetização

Ao retomar as leituras sobre as observações das práticas exercidas durante o estágio, junto a minha turma de primeiro ano, percebi e verifiquei o tanto que nos transformamos. Quando me refiro a “nos transformamos” quero dizer que, é necessário considerar também a ação reflexiva sobre minhas práticas de educadora, meu modo de pensar, ver, sentir e perceber a construção entre os diferentes saberes e a alfabetização como um todo, mas também a transformação exercida de maneira significativa, promovendo a ressignificação da existência e das vivências de meus alunos.

Sendo assim, o processo de alfabetização e letramento consiste em instigar o educando a compreender e a entender melhor o mundo onde está inserido.

Maturana (2001) nos diz que, “(...) a educação é um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro” (p. 29).

Verifiquei, ao longo da construção desse trabalho, que minha prática de estágio, junto aos meus alunos, foi ao encontro do que destaquei na minha fundamentação teórica. No meu trabalho tive, a preocupação esteve voltada para a construção do processo de aquisição da leitura e da escrita, através da alfabetização, do respeito e da mediação entre o conhecimento informal e formal. Na visão de Trindade (2005) é buscar conciliar o diferente saber trazido pelas crianças numa relação de inclusão diante das práticas sociais de leitura e escrita dentro dos espaços escolares, ou seja:

Práticas sociais da leitura e da escrita (ou arremedos dessas práticas) adentraram a escola para garantir não mais a *alfabetização*, mas o *letramento* das crianças desde o momento da aquisição inicial da leitura e da escrita. Elas passaram de sujeitos que aprendiam, na exploração dos objetos de leitura e escrita, com

menor ou maior intervenção de professores (as) e colegas, a sujeitos menos ou mais letrados, pelo conhecimento que possuíam de diversos portadores de textos quanto aos seus atributos, estrutura, conteúdo e funções, antes de ter iniciado a alfabetização escolar (KATO, 1986; TFOUNI, 1988; KLEIMAN, 1995; SOARES, 1996).

O caminho traçado para as práticas de estágio oportunizou o conhecimento do modo como meus alunos pensavam e construía suas hipóteses nos momentos de escrita e leitura. Pensando nisso, e relendo minhas reflexões visualizei muitos momentos construídos junto à turma de atuação, momentos não necessariamente de sala de aula, mas que também puderam ser experienciados em passeios pelo bairro, no teatro, nos momentos de interação comunidade escola, como também na música, nos cânticos de igreja, na convivência com os diferentes gêneros textuais, nas brincadeiras e nos momentos lúdicos. Tais momentos possibilitaram aos meus alunos e a mim, como educadora, trocas de experiências e aquisição de conhecimento, onde prevaleceu à interação entre os diferentes saberes mencionadas anteriormente.

Para Vygotsky (1998) apud Monteiro; Baptista 2009:

A cultura impregna nosso modo de pensar, sentir e aprender. Compreendendo a cultura como os modos de um povo, comunidade ou grupo fazer, ver, ser, sentir e estar no mundo (...) como um processo dinâmico construído pelos diferentes grupos culturais aos quais pertencemos. Assim, as formas particulares de linguagem (a palavra, gesto, a arte e o desenho, dentre outros) são instrumentos de apropriação da cultura pelas crianças, permitindo-lhes a decifração do mundo e, conseqüentemente, orientando suas ações e suas manifestações sobre o meio em que vivem (p.64).

Para Freire (1999) a educação informal é importante, pois pode ser utilizada como ponte entre as vivências e experiências sociais com o saber formal, desde que esse possibilite o processo de ensinar e aprender, nas relações mediadoras e desafiadoras entre alunos e professores.

Percebi esse fato durante o passeio realizado na comunidade da Vila São Pedro, onde os alunos demonstraram seus conhecimentos que, não foram passados

em sala de aula, mas que são transmitidos informalmente nas suas relações familiares e na comunidade em que vivem. Sendo assim, é essencial que o respeito pelo saber informal se faça presente em todos os momentos de aprendizagem, para Freire (2000) “o respeito, então ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural”.

Em um desses passeios para conhecer e apreciar o bairro que pude constatar a forma que as crianças conseguem ler o mundo, ou melhor, exercer o letramento sem necessariamente dominar o processo de decodificação da língua escrita e falada. Freire (1999) *apud* Picetti (2005) nos indica que se compreendermos a importância das experiências informais, vivenciadas nas ruas, nas praças, nos trabalhos, nas salas de aula, nos pátios dos recreios e em outros espaços, perceberíamos que é possível ensinar e aprender.

Ainda conforme Freire e Betto *apud* Picetti (2005) o educando é o protagonista do processo educativo e o educador é a pessoa que vai ajudar a explicitar e a sistematizar o que a vida e o contexto dos educandos fornecem como elementos (p.16).

Ao passarmos por uma placa que estava fixada em uma das casas paramos para observar. Ao serem perguntados - o que estava escrito e o que informava na placa a maioria dos alunos respondeu:

_ Ué professora esta escrito vende-se.⁸

_ Somente vende-se?

_ Kaká respondeu: _ não, está escrito vende-se esta casa;

_ Como sabe?

_ Kaká respondeu: _ a vizinha do lado da minha casa tem uma placa igual? Ela falou que é para vender a casa dela.

_ Mas se olharmos melhor podem-me dizer onde está escrito a palavra vende-se?

_ Gugu respondeu: _ onde tem a letra “V” do nome da Vitória.

⁸ Os dados dessa pesquisa serão escritos com formatação itálica para diferenciar dos demais escritos.

_E a palavra casa onde está escrito?

_ Gugu respondeu: depois da palavra vende-se e começa com “c”.

Conforme Soares (1998) a construção do processo de leitura e escrita na criança é possibilitada na concepção psicogenética de alfabetização atualmente em vigor. Nessa concepção, a escrita não é adquirida e ou aprendida na maneira convencional, ou melhor, em concepções anteriores, com textos ou escritas construídos de maneira artificial, mas sim, “(...) por meio de atividade de letramento, ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita” (p.92). Segundo Piaget *apud* Becker (2009, p. 02) “(...) o sujeito somente aprende na interação e nas ações que realiza tanto mentais e ou físicas sobre o objeto de estudo (...)”, sendo assim, o próprio meio onde a criança está inserida serve como objeto de estudo a ser explorado de forma real e significativo.

Gugu, que foi mencionado anteriormente, já se encontra num processo mais avançado de leitura e escrita. Ele consegue ler e escrever palavras simples, por isso suas respostas demonstram domínio e conhecimento. Possui apenas seis anos, mas está mais adiantado do que os demais pelo fato que sua família vivencia e valoriza as práticas de leitura e escrita diariamente. Em sua casa há leituras de histórias infantis, jornais, encartes de supermercados, os letreiros das placas de ônibus, lojas, em fim um hábito da família que começou desde cedo e o incentivo a mesma nas vivências do dia a dia. Uma prática também experienciada por ele na sala de aula, onde é o protagonista na construção do saber sistematizado. Nesse momento é relevante destacar que Para Freire (1992) *apud*, Carvalho (2005), a leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. (p.128)

Voltando ao assunto que hora era mencionado, passeio pelo bairro, ao continuarmos a caminhada questionei que outras placas poderiam ser observadas na Rua São Pedro. Logo apontaram para as placas de sinalização e regulamentação de trânsito. Então, também questionei se saberiam me explicar para que cada uma servia. De imediato vieram as explicações:

_ Esta com o desenho das crianças é para o motorista ter cuidado porque tem escola perto - responderam a maioria dos alunos.

_ Esta outra redonda para que serve?

_ Pra indicar a velocidade dos carros – responderam todos.

_ Mas que velocidade deve ser?

_ Gugu respondeu junto com os outros:

_ Deve ser quarenta por hora.

_ Aquele é um número quarenta?

Sim - disseram eles.

- Mas como se sabe?

_ Porque o quarenta é o quatro e o zero.

_ Como tem certeza disso?

Então Ni respondeu:

- Que sempre quando vou na vó de carro com minha mãe e meu pai, agente passa pela mesma placa, e meu pai sempre diminui o carro, vai mais devagar, o pai mostrou que o número na placa era quarenta.

Percebe-se que as experiências trazidas por muitos como sendo o saber informal em muito agrega também conhecimento ao saber formal, que mediatizado na forma sistematizada ganha sentido significativo, pelo fato de que os alunos podem se apoderarem do mesmo, tornando real e ao mesmo tempo exercendo uma função social diante da escrita e da leitura de mundo no qual estão inseridos.

Freire (1996) defende a idéia de que todos possuem saberes diferentes de acordo com sua bagagem, lo que posso dizer, possuidores de leitura de mundo, ou seja, o letramento. Conforme Freire (1996, p.71) “(...) a alfabetização é parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência.”

Ao planejar o passeio de estudo realizado no entorno do bairro, tinha como objetivo possibilitar que os alunos pudessem fazer uso dos meios de letramento que nele existiam, como a leitura de placas existentes em algumas casas de comércio, automóveis, sinalização de ruas entre outros. Logo, o objetivo foi alcançado à

medida que suscitou momentos reais de aprendizagem coletiva, na troca de saberes e na interação com o outro.

Passando por um desses lugares pude novamente constatar outra situação em que o conhecimento informal relaciona-se com o formal, auxiliando no processo de construção da linguagem oral e escrita. A linguagem simbólica também se fez presente durante o passeio. Os alunos reconheciam as placas através dos símbolos que encontravam nas mesmas.

Quando passamos por uma revenda de gás os alunos logo apontaram mostrando que ali estava escrito vende-se gás e também leram a marca do gás. Associaram o logotipo e o desenho usado pelo fabricante para identificar seu produto.

Na mesma altura da rua, mas do lado oposto, encontrava-se outro estabelecimento onde o aluno Sá, falou:

_ Professora eu sei o que tá escrito ali?

Indaguei:

_ O que está escrito?

_ Sá respondeu:

- E está escrito – Mecânica.

Também é possível constatar que a leitura realizada por Sá, está relacionada à associação do objeto de estudo com a escrita do nome desse objeto, no caso, a palavra mecânica estava relacionada ao próprio lugar, que era uma oficina mecânica.

Ainda em relação ao passeio, foi possível realizar uma avaliação dos conhecimentos produzidos por cada um dos alunos em sala de aula, durante a identificação de números e letras nas placas de sinalização e propagandas espalhadas pela rua. Conforme Trindade (2002) as práticas de alfabetização, alfabetismo e letramento não ocorrem somente no ambiente acadêmico, mas que atingem espaços diversos, como os da família, escola, mídia, literatura, etc.

Outra situação que evidenciou o saber informal, contribuindo com o conhecimento sistematizado da escola (processo de alfabetização) ocorreu em sala de aula quando iniciou-se o estudo do Projeto de Aprendizagem⁹ sobre os dentes, com o tema: de onde vem os dentes de leite? As crianças relataram com suas próprias palavras ou linguagem os saberes que já possuíam sobre os dentes.

O aluno M – disse que os dentes vinham das fadinhas;

O aluno W – disse que precisa colocar o dente embaixo do travesseiro que a fadinha coloca um real em troca.

O aluno B - disse que os dentes eram brancos por causa do leite;

O aluno K - disse que pro dente vir forte precisa comer verdura e não comer doce.

Perguntei o que mais sabiam sobre como nascem os dentes?

O Aluno R – disse que os dentes ficam dentro da gengiva.

Responderam ainda que não podiam comer doce senão criava bichinho nos dentes, ficavam podres. Quem tem dente podre usa chapa.

Tal situação me faz relacionar com as palavras de Freire *apud* Cavalcante (2005):

O relacionamento professor aluno precisa estar pautado no diálogo, ambos se posicionando dos sujeitos no ato do conhecimento numa relação horizontal. O autoritarismo tradicional que permeava a relação da educação tradicional precisa ser banido para dar lugar à pedagogia do diálogo. (p. 68)

⁹ Projeto de Aprendizagem: A aprendizagem por projetos oferece a oportunidade para que os alunos possam pensar e julgar por si, desenvolvendo o pensamento crítico, competências básicas, autonomia e criatividade. Nos projetos de aprendizagem as dúvidas e interesses do aluno irão gerar o próprio projeto, pois haverá por parte dele interesse em resolver as suas dúvidas. Definido por Hernández(1998) como "Projetos de Trabalho", os projetos de aprendizagem oportunizam uma maior interação entre professor e aluno, visto que constroem um universo de ações diversificadas que permitem a participação ativa do aluno. Ao longo do trabalho por projetos, o professor desempenha o papel de mediador. Nesse sentido, sua postura de detentor único do saber não existe mais. "Os projetos de aprendizagem contribuem para uma (re) significação dos espaços de aprendizagem de tal forma que eles se voltem para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, atuantes e participantes. (Hernandez, 1998)" Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_de_aprendizagem (Acessado em 26/11/10)

Tento o tempo todo, em minha relação com turma, o grande desafio de romper com a educação tradicional e construir uma relação horizontal, embasada no diálogo. Na situação acima tento representar um pouco disso, onde através de nossas conversas, procuro construir o conhecimento junto com meus alunos, partindo do que já sabem, do que já dominam (conhecimento informal).

O conhecimento aqui apresentado pelos alunos corresponde e é pautado no que lhes é apresentado pela família, cabe a escola, no seu papel de transformadora e socializadora, buscar meios, para que o conceitos sejam trabalhados de forma que possa causar transformação da realidade vivenciada por eles, agregando novos valores a suas vivências. Como aliados o educador possui a literatura, a música, o teatro, entre outras como formas de consolidar a aprendizagem, para após sistematizar através da produção textual coletiva, evidenciando a função social da escrita e da leitura através do registro com frase coletiva, de modo que os alunos possam visualizar esse processo, compreendendo de que maneira se dá à escrita, que não é por desenhos, mas por unidades menores que são as letras, sílabas, palavras e frases.

Em outro momento mais atual também pude podemos confrontar os saberes informais e formais na construção do processo de alfabetização, a partir do trabalhar com a música – “a galinha do vizinho bota ovo amarelinho”-. Depois de explorar oralmente cada palavra da música, listei três frases no quadro. Questionei qual das três era a frase certa que pertencia à música.

Frase – 1 A girafa está no ZOO.

Frase – 2 A galinha bota ovo.

Frase – 3 A garrafa está vazia.

Questionei com meus alunos qual das frases podia ser a frase que correspondia à letra da música: A galinha do vizinho bota ovo amarelinho?

O aluno K respondeu: que a primeira frase não era porque tinha a palavra ZOO de Zoológico. Ele disse que lembrava por causa de um passeio fez no Zoológico com a dinda.

Então questionei:

_ o que pode estar escrito no início da frase? É o nome de um animal que mora no zoológico ou na selva? Começa com “G”?

Então, a maioria dos alunos respondeu:

_ Girafa.

A aluna M disse que não poderia ser a frase três porque tinha uma palavra que começava com G de girafa, mas tinha dois erres, e galinha não tem erre.

O aluno B também achou que deveria ser a frase de número 2 ele disse:

_ Ô Sora, deve ser a frase dois porque aparece a palavra ovo no final.

Ovo é uma palavra relacionada às vogais e que eles logo se familiarizam até pelo fato de fazer parte do dia a dia deles, quando vão armazenar comprar para mãe. Os alunos criam hipóteses e estratégias que levam a variações e criação de novas palavras e novas formas de pensar. Para descobrir como se dá esse processo é necessário a mediação por parte do professor.

Perguntado para alguns alunos como conseguiram ler? Como poderiam dizer para os demais colegas o jeito que descobriram para ler? A aluna N respondeu:

_ Eu pego, vejo a letra, a família da letra, depois junto os pedacinhos e leio.

A aluna V disse:

_ Professora é bem legal, é só juntar os pedacinhos e ler.

A aluna “V” construiu a compreensão do processo de leitura e escrita, iniciando também sua caminhada para o nível alfabético há pouco tempo. Mas essas questões demonstram bem a relação entre os saberes informais e a interação em sala de aula. Grande parte do tempo os alunos trazem questões de suas experiências para relacionar com os desafios escolares, como foi o caso do aluno que lembrou-se do seu passeio ao zoológico para tentar ler e interpretar a palavra zoológico.

Outro aspecto interessante que surgiu em nossa turma foi quando ao trabalharmos sobre os animais, que existem na comunidade local. Vimos quais eles conheciam, quais os que podiam viver perto do homem, quais não podiam viver perto homem, e, perguntados onde então vivem esses animais a maioria respondeu:

_ Na floresta?

_ Por quê?

O aluno "M" respondeu:

_ Porque são ferozes.

_ Se são ferozes, que outro lugar eles podem ficar?

A maioria dos alunos respondeu no Zoológico.

Então começamos a listar alguns dos animais favoritos deles.

Listamos alguns e dentre eles, o nome do Tigre. Perguntado como poderia ser escrito logo surgiu o conhecimento informal.

O aluno "W" respondeu:

_ A letra do colega "T" mais a vogal I;

Perguntei:

_ E o outro pedacinho da palavra? A segunda sílaba? Não é parecido com o nome de um time que vocês conhecem?

O aluno "P" respondeu:

_ O pedacinho GRE de GRÊMIO.

As crianças, na sua maioria, quando são desafiadas, aprendem com maior rapidez o processo de construção das formas de escrita e leitura. Ao longo da relação entre os saberes formais e informais, os alunos interagiram com os diferentes tipos de letramento, o que, impulsionou as descobertas e vivências nas trocas entre os pares. Nesse trabalho foi possível demonstrar uma maior autonomia e independência na forma de pensar e agir, o que é constatado nos momentos de interação no jogo das palavras, onde alguns alunos já não querem mais tentar ler as partes da palavra, a leitura na compreensão deles deve ser lida na sua totalidade, ou seja, na forma global. Os resultados obtidos apresentaram um ganho positivo no que se refere às habilidades de leitura e escrita, porque toda construção dentro do processo sistematizado levou em consideração o saber comunitário apresentado pelos alunos.

Além de se trabalhar explorando o meio e o espaço ocupado por nosso aluno, é necessário que se tenha como objetivo a adoção de uma teoria e um método, além de se levar em conta os saberes de cada um dos alunos que formam uma

turma, pois a contribuição individual só vem acrescentar e melhorar a qualidade do conhecimento sistematizado, pois é a partir do que o aluno experiêcia e sabe que o professor, como mediador, transformará em saber formal.

4. Considerações finais

Ao pensar que tema poderia ser abordado como questão para ser defendido nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pensei nas minhas práticas junto aos meus alunos; o que realmente poderia ter evidenciado a aquisição de conhecimento para o processo de alfabetização, levando a construção do mesmo de forma coletiva e ou individual.

Então, das muitas atividades a que mais mobilizou os alunos e que mais chamou minha atenção foi justamente o trabalho de campo desempenhado com eles, o passeio para conhecimento e estudo da comunidade da Vila São Pedro, pois com esta atividade retomamos desde a relação entre os diferentes saberes (formais e informais) até o empoderamento enquanto pessoas cidadãos.

Conhecer seu bairro, sua comunidade e o entorno da escola é fazer parte da história de vida de cada um e, que também faça parte da história dessa comunidade. Verificar que a partir dela é possível explorar situações de aprendizagem, capazes de garantir a transformação dos alunos em sujeitos mais autônomos e críticos; onde a escola possa exercer além do seu papel de formadora, a de fomentadora de ações multiplicativas no exercício do domínio da linguagem escrita e falada bem como do uso da escrita e da leitura não como funcional, mas com função social dessas práticas. Portanto, "(...) não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar" (FERNANDEZ, 1991, p.47-52).

Penso que o saber informal em muito pode contribuir no processo de aquisição da alfabetização, pois afinal os sujeitos não são tábuas rasas desprovidos de conhecimento e vivências. Ao contrário, como foi possível ser verificado nesse trabalho, eles possuem um saber pautado em experiências que se fundem ao contexto da própria história do saber sistematizado. Quando houve a necessidade

de se fazer uso do saber formal, muito se precisou dos registros, fatos e acontecimentos que pudessem contar e relatar as mudanças acontecidas na sociedade na aquisição do saber sistematizado. Logo, o saber informal, que é passado de geração em geração, foi incumbido de garantir os subsídios necessários para tais relatos e registros, pois sem eles não existiria a história da humanidade.

Portanto dentro da escola o papel do professor é o de mediador e de desafiador na relação entre os saberes informais e o processo de alfabetização. Esse necessita caminhar a passos com o saber informal, a “bagagem” que os alunos trazem junto quando vem ao encontro do saber sistematizado. Grande parte dos alunos não quer mais servir de depósitos de opiniões alheias. Querem também compartilhar e construir seu próprio saber em relações com os demais colegas, professor e o meio onde estão inseridos, despertando sentimento de pertencimento, responsabilidade e princípios capazes de garantir uma alfabetização com compreensão do processo da aquisição da escrita e da leitura como função social, e, assim poderem se constituir como sujeitos críticos e alfabetizados e não analfabetos funcionais¹⁰ como tantos outros que passaram pela escola.

Para Gadotti (2003) a escola precisa criar um vínculo com seus alunos e levá-los a construção do conhecimento através da convivência e da vontade de participar com efetivação. Para isso é necessário que a escola valorize os diferentes saberes adentrando no mundo do aluno, para com ele fazer parte da sua história. Ainda conforme o mesmo autor, como educadores, necessitamos criar possibilidades para que os educandos tenham expectativas e lutem por melhores condições de vida.

¹⁰ Pessoas que dominam a técnica da leitura e da escrita (codificação e decodificação), mas que possuem dificuldades de interpretação dessas.

5. Referências

BAPTISTA, C. Mônica; Monteiro, Mourão Sara. 2009. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove Anos**, Belo Horizonte: UFMG/FAE/CEALE.

BECKER, Fernando. **O que é construtivismo?** UFRGS – PEAD 2009/1 Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia II. Disponível em http://livrosdamara.pbworks.com/f/oquee_construtivismo.pdf acesso em 07/11/2010.

BORDENAVE. Juan E. Dias. Texto adaptado: **Alguns fatores pedagógicos** – artigo: La transferencia de Tecnologia Apropriada al pequeño Agricultor – Revista Interamericana de educação de Adultos, v.3, n.1-2- PRDE-OEA.

CARVALHO, Marlene. 2005. **Alfabetizar e Letras**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes

CAVALCANTE, Márcio Balbino. **A Pedagogia do diálogo e o ato de liberdade**. Professor de Geografia e Coordenador de Projetos Educacionais da Secretaria Municipal de Educação do município de Passa e Fica, RN. Acesso a internet 08/05/10

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. 4 ed. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. 1999 **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.

_____**Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido** (2000). São Paulo: Paz e Terra

_____**Pedagogia do Oprimido** (2000). Rio de Janeiro: Paz e Terra

_____**Educação como prática da liberdade** (1979). 17 ed. RJ. Paz e Terra.

_____**Pedagogia do Oprimido**. (1983). 13 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____**Pedagogia da autonomia** (1996). 15 ed. São Paulo: Paz e Terra.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita** (1999). Porto Alegre: Artes Médicas.

GADOTTI, Moacir – **Boniteza de um sonho – ensinar e aprender com sentido**. Editora Feevale/2003.

GODOY, Arilda S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista Administração de Empresas, v.35, n.2. Mar/Abr 1995b.

HERNÁNDEZ, Fernando. VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

<http://www.helomartins.com.br/temas/alfabetizacao-e-letramento.html> (ACESSADO EM 17/11/10)

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. 200p.

NEVES, L. J. **Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades**. **Caderno de Pesquisa e Administração**, v. 1, n. 3, p.1 São Paulo, 2º sem./ 1996.

PICETTI, Jaqueline Santos e REAL Luciane Magalhães Corte. **A relação entre os saberes comunitários e os conteúdos escolares no processo de alfabetização**. Revista ACOALFAppl: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n.3, 2007. Disponível em: <http://www.mocambras.org> e ou <http://acoalfaplp.org>. Publicado em: setembro 2007.

SANTIAGO, Lucilia – Texto com que letra? **Reunião pedagógica continuada para professores das séries iniciais**. Supervisora do município de Portão, ano de 2008.

SOARES, Magda. **Nada é mais gratificante do que alfabetizar**. Letra A – O jornal do Alfabetizador. Belo Horizonte, abril/maio 2005, ano 1, n.1. IN. EIXO 7 – Linguagem e Educação- módulo 5 – Olhares sobre a Experiência Docente.

_____ **A reinvenção da alfabetização**. Disponível em

<http://www.meb.org.br/biblioteca/artigomagdasoares>. Acesso em: 3 mar. 2006.

_____ **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VIGOTSKI, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

TRINDADE, Iole Maria Faviero - **Um olhar dos Estudos Culturais sobre artefatos e práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismos**- 2005 – INTERDISCIPLINA EDUAD037 – LINGUAGEM E EDUCAÇÃO MÓDULO 8 – MÚLTIPLAS ALFABETIZAÇÕES, ALFABETISMOS/LETRAMENTOS

_____ **Todos na escola: o discurso da modernidade**. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, FAPA, n.23/24, p. 27-55, 1998.

_____. **Alfabetizadoras de papel**. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 109-133.

